

Juci Mara Cordeiro¹

ESTRATÉGIAS PARA O PROCESSO TRADUTÓRIO

RESUMO: Partindo de uma concepção de tradução como uma transferência lingüística e cultural, o intuito do presente trabalho é prosseguir a investigação sobre tradução sob uma perspectiva bem específica: identificar uma abordagem de tradução, formada por um conjunto de estratégias utilizadas durante o processo tradutório. O estudo de autores contemporâneos que apresentavam abordagens para o processo tradutório, foi tomado como base para análise/tradução do *corpus*, o qual é constituído por textos com informações genéricas sobre o site da Unioeste. Constatamos que os estudos tradutológicos estão expandindo seus paradigmas e tratam inclusive das relações de poder que permeiam a tradução. Da mesma maneira, no exercício de transposição lingüística, percebemos que os conceitos e abordagens propostos pelos autores resultam em um trabalho mais consciente e criterioso, e proporcionam maior confiança ao tradutor com relação ao resultado final de seu trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: tradução; teoria; prática.

SUMMARY: From a conception of translation as a linguistic and cultural transference, the intention of the present paper is to continue the investigation about translation in the identification of a translation approach, which could be built by a set of strategies used during the translation process. The study of contemporary authors who presented approaches for the translation process, was taken as the basis for the *corpus* analysis, which is constituted by the texts of Unioeste site considered as having the more permanent information. We could notice that the Translation Studies are expanding their paradigms and nowadays have concernment even about the power relations in translation. In the same way, in the linguistic transposition practice, we could perceive that the concepts and procedures proposed by the authors result in a more conscious work and provide a bigger confidence to the translator in relation to the last version of the text.

KEYWORDS: translation; theory; practice.

Data de recebimento: 10/05/04. Data de aceite para publicação: 01/09/04.

¹ Licenciada em Letras Português-Inglês. Professora Assistente na Unioeste - Campus de Cascavel. Endereço eletrônico: jmcordeiro@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A proposta inicial deste trabalho é apontar autores que investiguem o processo tradutório e identificar possíveis estratégias que auxiliam a tarefa do tradutor. Inicialmente podemos citar Robinson (2002), que toma, como base de seus argumentos, alguns conceitos do filósofo americano, criador da Semiótica, Charles Sanders Peirce. Segundo Peirce (1931 apud Robinson, 2002), as relações entre experiência e hábito acontecem no contexto de uma tríade, ou processo de três etapas, que seriam, em seqüência cronológica, o instinto, a experiência e o hábito.

Transferindo-se estes conceitos para o contexto da tradução, poderíamos descrever o processo tradutório da seguinte forma: Primeiramente utilizando a sua intuição, o tradutor tenta compreender o funcionamento da estrutura sintática e o significado de uma palavra ou frase da língua com que vai trabalhar, o que caracterizaria o *instinto*, dentro desse processo (cf. Robinson, 2002, p. 137). Em um movimento de continuidade e de idas e vindas entre as duas línguas afetas, o tradutor transpõe essas palavras ou frases, percebendo as semelhanças e dessemelhanças entre elas. Essa interação com os dois textos (de origem e alvo) promove a experiência do tradutor.

Com o passar do tempo, ele sublima¹ soluções específicas de problemas específicos, ou seja, os modelos e regularidades se transformam em hábito, que o ajudam a traduzir com mais rapidez e eficiência. “Os três tipos de experiência – os palpites abduativos, a criação indutiva de modelos e as leis dedutivas – aproximam o tradutor–aprendiz ainda mais do ‘hábito’, da criação de uma memória normativa eficaz que o capacite a processar rapidamente o material textual, psicossocial, e cultural” (Robinson, 2002, p. 141). A concepção de tradução como transcodificação lingüística e cultural é defendida por autores como Aubert (1993), Bassnett (1981), Baker (1992), e Venutti (2002). Por sua vez, Ridd (2000), em sua proposta de tirar a tradução do exílio, postula a tradução com a quinta habilidade a ser desenvolvida quando do aprendizado de uma língua estrangeira. Esse argumento vem respaldar a nossa iniciativa de pesquisa na área de tradução, uma vez que somos docentes do curso de Letras Português-Inglês e contribuimos para a formação de professores de língua estrangeira.

¹ Sublimar – transformar o que se aprendeu em processo natural.

Azenha Junior (1999) apresenta as diferentes correntes que abordam a tradução por ângulos filosóficos distintos, os quais contribuem para a elucidação de diferentes aspectos envolvidos no processo tradutório. Finalmente, em direção ao nosso objetivo de identificar abordagens ou estratégias a serem utilizadas durante o processo tradutório, valemo-nos das contribuições de Baker (1992), Newmark (1993), Azenha Junior (1999) e Alves et al. (2002), as quais proporcionaram uma ação mais criteriosa e a consciência das implicações lingüísticas, culturais e funcionais que permeiam o processo tradutório.

Posteriormente ao estudo de teóricos com uma perspectiva cultural, funcional, comunicativa e social da tradução, passamos à etapa seguinte da nossa proposta. Tentamos perceber de que maneira essas teorias, conceitos e abordagens sobre as quais discorreremos nos auxiliariam efetivamente durante o processo tradutório. O *corpus* que se tornou nosso objeto de análise foram os textos do site da Unioeste, os quais constituíram as traduções elaboradas para o projeto de extensão *Unioeste Site in English Version*. Os textos do site da Unioeste disponíveis em língua portuguesa foram traduzidos para a língua inglesa, com o intuito de que não-falantes de língua portuguesa também tivessem a possibilidade de ter acesso às informações sobre os cursos dos diferentes *campi* e de pesquisas que estão sendo desenvolvidas pelos docentes da instituição.

2. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A concepção de tradução como transcodificação lingüística e cultural configura-se como o cerne da proposta deste trabalho e, no sentido de dar respaldo científico a essa postura, podemos citar autores contemporâneos brasileiros, tais como Aubert (1993), Azenha Junior (1999), Rodrigues (2000), e estrangeiros como Bassnett (1981), Newmark (1988), Baker (1992), Robinson (2002), Jiang (2002) e Venutti (trad. 2002)

Jiang (2000), em sua reflexão sobre a relação entre cultura e linguagem, utiliza a metáfora do *iceberg* para simbolizá-las, sendo que a parte visível e menor representa a linguagem e a parte maior e submersa representa a cultura. Venutti, em seus estudos culturais, vai mais além e tenta promover também uma reflexão sobre os efeitos

sociais de textos traduzidos. Com esse objetivo, o autor aponta as assimetrias, as relações de dominação e dependência que existem em cada ato de tradução. “A tradução faz-se presente de forma maciça no mundo empresarial, na publicação internacional de best-sellers e nos padrões desiguais de comércio intercultural entre os países hegemônicos do Norte e do Ocidente e seus Outros na África, Ásia e América do Sul.” (2002, p. 11).

Igualmente preocupada com a implicação das relações que permeiam a tradução, podemos citar Rodrigues: “Como não existe intercâmbio com perfeito equilíbrio entre duas línguas, nem mesmo internamente a uma língua, a tradução exige uma reflexão sobre a questão da diferença, da semelhança, da alteridade do poder” (2000, p. 225).

A pesquisa em tradução tem sido prejudicada pelo predomínio de abordagens lingüísticas, as quais impõem limites em função de sua relutância em considerar os aspectos sociais inerentes à tradução, segundo Venutti. Esse distanciamento entre a teoria e a prática de tradução é tão ampla que o autor chega a afirmar que: “A tradução sofre de um isolamento institucional, divorciada dos desenvolvimentos contemporâneos e dos debates que a revestem de significado” (2002, p. 10). Por sua vez, a relação entre tradução e o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, inicialmente associada ao Grammar Translation Method, que foi utilizado na Alemanha no início do século XX, desfrutava de conceitos não muito positivos, tais como não comunicativa, monótona, difícil e irrelevante. Porém, sob a ótica dos avanços alcançados pelos Estudos da Tradução, Ridd defende um *status* diferente para a tradução no ensino-aprendizagem de língua estrangeira:

Since those with a command of another tongue are expected to be able to translate from it for the benefit of those unable to penetrate its mysteries, language teachers would serve their clientele better were they treat translating on a par with writing or reading – a fifth skill involving considerable intellectual challenge, one to be mastered by all foreign language learners if effective intercultural communication is to occur (2000, p. 122).²

² “Considerando que, para o benefício daquelas pessoas inábeis em penetrar em seus mistérios, que se espera daqueles com domínio de uma segunda língua a capacidade de traduzi-la, os professores de línguas serviriam melhor à sua clientela se tratassem a tradução como uma habilidade a ser adquirida, assim como a escrita e a leitura – uma habilidade que envolve um desafio intelectual considerável e que precisa ser dominada por todos os aprendizes de língua estrangeira, se uma comunicação intercultural efetiva é esperada”.

O autor, em sua proposta de tirar a tradução do exílio em que esteve submetida pela metodologia de ensino de língua estrangeira do século XX, aponta autores como Marchand, que, já em 1950, advogava a tradução como uma quinta habilidade.

Em seu trabalho são citados também autores tais como Widowson (1979), que assim se posiciona: “*I want to argue that translation can be a very useful pedagogic device indeed in some circumstances [...] translation of a kind may provide the most effective means of learning*”³ (apud Ridd, 2000, p. 134). Ulrich (1986) explica: “*Translation conceived of as intra – and interlingual interpretation leads to a deeper awareness of the complexity of language and enhances students’ ability to develop SL analyzing techniques and SL/TL transfer strategies*”⁴ (apud Ridd, 2000, p. 135). Rivers & Temperley (1978) afirmam que:

*Genuine translation involves the exploration of the potential of two languages. It not only involves the students in serious consideration of the expressive possibilities of the new language, but also extends their appreciation of the semantic extensions and limitations of their first language and the implications for meaning of its syntactic options. It is, then, an appropriate undertaking in an advanced course, or even at the intermediate level*⁵ (apud Ridd, 2000, p. 135).

Conjugamos com as posturas defendidas pelos autores acima e, nesse sentido, propusemos a discussão teórica e prática de tradução por meio da disciplina *Aspectos Teóricos e Práticos da Tradução*, no Curso de Letras, o que despertou a consciência das imbricações culturais, sociais e funcionais que a permeiam, o que culminou na mudança de postura dos alunos com relação à tradução.

A ampliação da perspectiva sobre a tradução e a conseqüente percepção dos diversos elementos que contribuem para a leitura durante o ato tradutório expandem, conseqüentemente, a responsabilidade/autoridade do tradutor. Para a manutenção do mesmo

³ “Quero argumentar que a tradução pode ser um recurso pedagógico útil. Na verdade, em algumas circunstâncias, a tradução pode prover o meio mais efetivo de aprendizagem”.

⁴ “A tradução concebida como uma interpretação intra e interlingual, conduz a uma maior percepção da complexidade da linguagem, aumenta a habilidade do estudante para desenvolver técnicas de análise da língua-fonte e estratégias de transferência lingüística da língua-fonte para a língua-alvo”.

⁵ “A verdadeira tradução envolve a exploração do potencial de duas línguas. Não apenas envolve os alunos em sérias considerações das possibilidades expressivas da nova língua, mas também estende as apreciações deles sobre as extensões semânticas e limitações de sua primeira língua e as implicações para o significado de suas opções sintáticas. É, então, um empreendimento apropriado em um curso de línguas em nível avançado ou até mesmo intermediário”.

referente (conteúdo) no texto de chegada, Aubert alerta que “uma das dificuldades da tradução será, então, encontrar na língua de chegada, meios de expressão para um referente diverso daquele que o complexo língua/cultura de chegada usualmente exprime” (Aubert, 1993, p. 44).

Para alcançar tal objetivo o tradutor assume então o papel de criador e inovador da linguagem, “[...] gerando toda uma terminologia nova, transmutando o referente de partida e incluindo-o no acervo da língua/cultura de chegada” (Aubert, 1993, p. 45).

Tendo Campbell como referência, Pagano aponta que competência tradutória envolve habilidades, tais como conhecimento do léxico, da morfologia e da sintaxe das línguas envolvidas, bem como conhecimento de aspectos textuais, de coesão e coerência, reconhecimento de macroestruturas textuais e coligações lexicais e domínio de registros e gêneros discursivos.

Nesse redimensionamento no papel do tradutor Azenha Júnior afirma que o papel de tradutor “[...] passa a participante ativo no processo de tradução, nele atuando como ‘técnico’, como ‘especialista’ para a produção de textos, cujo objetivo é viabilizar a comunicação entre culturas” (1999, p. 38). Para a efetivação de seu trabalho o tradutor, “[...] terá de tomar decisões nos mais diversos níveis como: comunicativo, lingüístico, técnico. E portanto e inevitavelmente, agente, elemento ativo, produtor de texto, de discurso” (Aubert, 1993, p.80).

A reflexão pós-moderna proposta por Rodrigues situa o tradutor no papel de um agente transformador responsável pela reescritura de um texto, e que vai atribuir os significados de acordo com as redes de convenções vigentes em sua época, em sua comunidade (2000, p. 221). Por sua vez, Bassnett afirma que o tradutor, em sendo o autor do texto-alvo, tem uma responsabilidade moral muito clara para com o leitor (1991, p. 23).

Dada a complexidade do fenômeno da tradução, faz-se necessária a ampliação das “[...] interfaces dessa área com outras áreas e disciplinas num trabalho conjunto e cooperativo entre profissionais de diferentes campos” (Azenha Júnior, 1999, p. 20). Para o autor, mesmo as decisões tomadas em níveis mais elementares da hierarquia lingüística só serão de alguma valia para a tradução se tomadas em relação a um horizonte de critérios gerais, previamente estabelecidos, e que visam contemplar as exigências da comunicação estabelecida em cada caso.

Na tradução, como resultado, final teríamos instâncias geradoras de variáveis de diversas ordens, entre elas podemos citar: os códigos (isoladamente ou em confronto), o tradutor (sua história e formação), a situação de recepção do texto a ser traduzido, a situação de produção da tradução, a intermediação de terceiros (editoras, agentes literários etc.) e o grau de interferência dos profissionais durante o processo de revisão e preparação do texto final (cf. Azenha Júnior, 1999, p.22). Todas essas variáveis estariam ligadas a uma realidade histórico-cultural e seriam condicionadas por normas sociais e de uso lingüístico, sujeitas a constantes alterações nas diferentes comunidades e em diferentes momentos. O autor sugere então a função comunicativa do texto-alvo como o fio condutor para esse quadro de condicionantes, e o norteador das estratégias de produção da tradução (idem, p. 37).

Os estudos tradutológicos nos últimos 30 anos — de meados da década de 1960 a meados da década de 1990 — desenvolveram diferentes correntes que abordam a tradução por ângulos filosóficos distintos e contribuem para a elucidação de diferentes aspectos envolvidos no processo tradutório. Entre essas perspectivas, podemos citar a perspectiva lingüística (cf. Albrecht, 1973; Catford, 1965; Diller/Kornelius, 1978); a perspectiva da análise do texto (Thiel, 1974-1981; Nord, 1988); a perspectiva hermenêutica (Paepcke/Forget, 1981; Stolze, 1982); a perspectiva funcional (Honig e Kussmaul, 1982; e a *Skopostheorie* de Reiss e Vermeer, 1984); a corrente de orientação cultural (cf. Vermeer, 1986; Snell-Hornby, 1988); a perspectiva da crítica da tradução (Lingüística Textual, Reiss, 1976; e Lingüística Pragmática, House, 1977); a perspectiva contrastiva (cf. Malblanc, 1868; Vinay/Darbelnet, 1958, Aubert, 1991 – Estilística Comparada e Truffaut, 1983 ou Newmark, 1988); a perspectiva literária; a perspectiva terminológica (cf. Arntz, 1986 – 1988; Arntz/Picht, 1989; Schmitt, 1986); a corrente da tradução computadorizada (cf. Blatt et al., 1985; King, 1987; Wills, 1988); a perspectiva da psicolingüística (cf. Königs, 1986 e 1987; Krings, 1986; e Faerch/Kasper, 1987); e a corrente didática da tradução (cf. Königs, 1981 e 1987).

Todas essas perspectivas apontadas nos estudos tradutológicos configuram-se como mais um elemento enfatizador da amplitude e complexidade do processo tradutório e, conseqüentemente, da importância de uma formação do tradutor compatível com esse cenário teórico contemporâneo. De grande valia seria também se os profissionais da linguagem dissimulásemos o referencial de tradução que possamos ter tido. (Exemplo: o Grammar Translation –

que não atende mais às perspectivas contemporâneas apontadas anteriormente), para praticarmos a tradução na perspectiva da quinta habilidade sugerida por alguns autores citados.

Newmark em sua descrição operacional do processo tradutório, sugere, como primeiro passo, a escolha de uma abordagem de tradução. O autor defende a idéia de que a teoria deve estar a serviço do tradutor e que esta deve ser o elo de ligação entre a teoria de traduzir (ou teoria funcional) e a prática de tradução. Postula também que a teoria de traduzir (ou teoria funcional) é embasada, por meio da naturalidade, em uma teoria de tradução (1995, p. 20).

Para ilustrar a sua teoria funcional da linguagem, o autor apresenta um esquema que nos evidencia uma interação entre teorias, conceitos e referentes e a teoria funcional que culminariam então na prática de tradução. O processo tradutório inicia com a articulação dos três conceitos de função da linguagem (expressiva, informativa e vocativa), passaria pelas teorias de tradução (Semântica e Comunicativa), seguiria então para o esquema referencial (o problema tradutório específico, os fatores contextuais e os procedimentos tradutórios), fluindo a seguir para os diferentes níveis da teoria funcional (textual, referencial, coesivo e de naturalidade) que, devidamente articulados, resultariam na prática da tradução.

Segundo o autor, existem duas abordagens básicas de tradução. A primeira é a tradução frase por frase (do primeiro parágrafo ou primeiro capítulo) para sentir o tom do texto. Depois de lê-lo novamente e assegurar-se das deduções feitas a princípio, o tradutor prossegue a leitura. Na segunda abordagem, o tradutor lê todo o texto duas ou três vezes para perceber a intenção do autor, o tom da linguagem, para marcar as palavras ou passagens difíceis e inicia a transposição somente quando já tomou as decisões importantes quanto à forma de reescritura.

Para o autor, a primeira abordagem seria mais adequada ao tradutor que confia em sua intuição e a segunda para o tradutor que confia em seu poder de análise. De uma maneira geral, os tradutores poderiam preferir a primeira abordagem para textos relativamente fáceis e a segunda para aqueles mais difíceis. Newmark alerta para a possibilidade de muitas revisões para a primeira abordagem.

Durante o processo tradutório trabalhamos – conscientemente – nos níveis: textual, referencial, coesivo e de naturalidade. Intuitivamente, o tradutor faz certas “conversões” ou seja, transpõe a gramática de língua-fonte (l.f.) para os seus equivalentes “prontos” da

língua-alvo (l.a) e, da mesma forma, traduz as unidades lexicais para o sentido/significado que lhe parece imediatamente apropriado no contexto da frase. Ele estaria trabalhando aqui em nível textual.

Seja qual for a tipologia textual a ser traduzida, o tradutor deveria ter a cautela de não ler uma frase sequer sem ter em mente o contexto do texto-alvo, que seria definido por meio do levantamento de elementos, tais como assunto do texto, o leitor-alvo e a intenção do autor. Para o autor, os níveis referencial e textual andam de mãos dadas e, como todas as línguas têm palavras e estruturas polissêmicas, estas muitas vezes serão resolvidas somente se conduzidas ao nível referencial.

Ainda segundo o autor, na tradução deve haver um indício de compromisso entre o texto e os fatos, e o tradutor, em sendo o mentor do quadro referencial do texto-alvo e sendo um profissional, é também responsável pela verdade apresentada nesse quadro. Os níveis do trabalho do tradutor são assim apresentados:

[...] you are working continuously in two levels, the real and the linguistic, life and language, reference and sense, but you write, you "compose", on the linguistic level, where your job is to achieve the greatest possible correspondence, referentially and pragmatically, with the words and sentences of the SL text⁶ (Newmark, 1995, p. 23).

Entre os níveis factuais (textual e referencial) existe um terceiro nível (coesivo), que une o primeiro e o segundo. O nível coesivo segue a estrutura e o humor do texto por meio dos elementos coesivos (conjunções, enumerações, reiteraões, artigos definidos, sinônimos referenciais, sinais de pontuação), ligando as frases e geralmente partindo da informação conhecida para a informação nova.

Um segundo fator percebido em nível coesivo é o humor, que pode ser mostrado como dialético, que se move entre o positivo e o negativo, o emotivo e o neutro. Notar o humor do texto significa seguir as trilhas de um texto por meio de suas passagens contempladas com expressões valorativas e não valorativas, que podem ser expressas por meio de objetivos ou substantivos. O autor ressalta a importância de o

⁶ "Você trabalha continuamente em dois níveis, o real e o lingüístico, linguagem do cotidiano e formal, referência e sentido, mas escreve, 'compõe' em nível lingüístico, onde sua tarefa é atingir a maior correspondência possível, referencialmente e pragmaticamente, com as palavras e orações do texto da língua-fonte".

tradutor perceber a diferença entre a conotação neutra e positiva, e entre a conotação neutra e negativa das palavras e expressões, a qual é geralmente sutil (Newmark, 1995, p. 24).

Para o autor, o nível coesivo é o regulador que assegura a coerência e ajusta a ênfase, pois é nele que o tradutor reconsidera a extensão do parágrafo e das frases, a formulação do título e o tom da conclusão. Para a vasta maioria das tipologias textuais (exceto os textos mal escritos, os textos de autoridade, os inovativos que apresentam uma linguagem peculiar), o tradutor tem que se assegurar de que a sua tradução faz sentido, que a leitura flui, que a estrutura lingüística, as expressões e palavras utilizadas no texto vêm ao encontro da situação apresentada no texto.

Segundo Newmark, o tradutor conseguirá tal intento, por meio de seu desligamento temporário do texto-fonte, e a partir de então ele lerá sua tradução como se o texto-fonte não existisse. Dessa maneira, o tradutor estaria trabalhando em nível de naturalidade. Alguns questionamentos que o tradutor pode fazer a si próprio e a outros, e que podem ser úteis a ele para perceber a naturalidade do texto são: A linguagem usada na tradução é comum para esta tipologia textual? Em que contexto eu encontraria essa linguagem? Com que frequência?

A naturalidade da linguagem do texto compreende o uso adequado de uma variedade de expressões idiomáticas ou estilos ou registros que são determinados primeiramente pela contextualização do texto que acontece pela determinação de onde o texto será publicado, quem é o autor, qual é o assunto do texto, e quem é o leitor, por exemplo. Newmark propõe que o tradutor trabalhe paralelamente nos quatro níveis, os quais são distintos, porém podem conflitar entre si (cf. Newmark, 1995, p. 26).

Prosseguindo com nosso intuito de fazer o levantamento de abordagens e procedimentos estratégicos para a tradução, citamos alguns passos sugeridos por Hönig e Kussmaul (1994). Primeiramente o tradutor deve inteirar-se do texto-fonte e relacioná-lo a sua situação. Dando continuidade ao processo, ele estabelece a função de comunicação do texto-alvo, orientando-se pelas expectativas pragmáticas dos destinatários. Partindo da função comunicativa do texto, ele define o grau necessário de diferenciação que é determinado pela fronteira relevante entre a verbalização e o pano de fundo sociocultural do texto-fonte. Finalmente, o tradutor, como emissor do texto-alvo, estabelece o grau de diferenciação necessário de sua verbalização (apud Azenha Júnior, 1999, p. 39).

Em nossa busca por abordagens que auxiliem o tradutor em sua árdua tarefa de transpor lingüística, funcional e culturalmente textos de diferentes tipologias, deparamo-nos com a proposta de Alves; Magalhães; e Pagano (2000), pesquisadores na área dos estudos tradutológicos da UFMG. O conceito de estratégia adotado no trabalho dos autores foi tomado emprestado das teorias de aprendizagem, sobretudo daquelas que são utilizadas pela lingüística aplicada, ao ensino de línguas estrangeiras. Igualmente esta abordagem apóia-se em estudos oriundos de áreas correlatas, tais como a psicolingüística, análise do discurso, a psicologia cognitiva e a informática.

A postura dos autores com relação ao desenvolvimento de estratégias de tradução, bem como a nossa, é no sentido de despertar o tradutor para a consciência da complexidade do processo tradutório: “A conscientização desse tradutor envolve um redimensionamento do conceito de aprender, o qual passa a demandar que o aprendiz se torne diretamente responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem” (Alves; Magalhães; Pagano, 2000, p. 07).

Segundo Andrew Chesterman (1998), as “formas eficientes, apropriadas e econômicas de resolver um problema” configuram-se como estratégias (apud Alves; Magalhães; Pagano, 2000, p. 19).

Todas as ações no sentido de responder às perguntas que nos ocorrem durante o processo tradutório e que são respondidas com base em nosso conhecimento prévio lingüístico e cultural e em informações buscadas fora do texto, constituem as estratégias. Os autores sugerem que, durante o processo tradutório, é possível segmentar os textos – fonte e alvo – em unidades de tradução, como uma estratégia de tradução. Porém, como os teóricos de diferentes perspectivas (tais como, a análise do discurso e a corrente funcional) entendem essas unidades de tradução de formas distintas, torna-se impossível haver um conceito universal que abarcasse essas oposições. Considerando essas divergências, os autores propõem o conceito de unidade de tradução: “[...] é um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor. Trata-se de um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor.” (Alves; Magalhães; Pagano, 2000, p. 38).

A primeira estratégia proposta por Pagano é a busca de subsídios externos ao texto, em fontes textuais e recursos computacionais. Com o intuito de subsidiar a sua tarefa tradutória poderá – de acordo com suas necessidades específicas para cada tipologia textual – utilizar

diferentes abordagens, tais como a consulta a glossários e dicionários especializados na área específica, consulta à especialistas da área com a qual está trabalhando, pesquisa em enciclopédias ou na internet e consulta a textos paralelos.

A consulta a textos paralelos – textos com a mesma tipologia textual, sobre o mesmo assunto, na língua-alvo – é muito útil quando da transposição de textos oficiais (exemplo: certidão de nascimento – normalmente atribuída ao tradutor juramentado) para que seja possível uma análise comparativa do léxico e sintaxe, próprios do jargão jurídico nas duas línguas, o que venha a resultar em uma tradução adequada à função a que se presta.

A consulta a dicionários bilíngües requer alguns cuidados do tradutor. Mesmo escolhendo um dicionário de qualidade para a primeira consulta, ele deve checar as informações obtidas em outros dicionários bilíngües e também conceituados. No caso de ainda não estar totalmente seguro com a escolha, deve então proceder consulta a dicionários monolíngües que apresentam, além das definições, informações lexicais, tais como sinônimos, antônimos, hipônimos e palavras afins, que são indispensáveis ao seu trabalho.

Pagano (2000) sugere o uso de versões atualizadas de dicionários, preferencialmente aqueles construídos por meio de recursos computacionais, a partir de um banco de dados atual e diversificado, e que contempla diversos tipos de textos (cf. Alves; Magalhães; Pagano, 2000, p. 41). Da mesma forma é aconselhável consultar dicionários dirigidos ao aprendiz de língua estrangeira, pois oferecem “[...] dados mais específicos em relação ao termo em discussão, não apenas numa perspectiva etimológica mas também sob a ótica do uso do termo em diferentes instâncias discursivas” (cf. Alves; Magalhães; Pagano, 2000, p. 44).

Quando o tradutor desconhece a terminologia específica de uma área, a sugestão é para que consulte glossários especializados, bem como consulte profissionais especialistas da área. Estudiosos constataram que a comunidade científica, na produção do discurso científico, utiliza radicais de origem grega ou latina para gerar os termos que serão adotados na área. Estes termos são freqüentemente traduzidos literalmente, mantendo-se os radicais que lhe deram origem, o que significa dizer que terão um correspondente muito próximo nas diferentes línguas.

A abordagem proposta por Alves são as estratégias de busca de subsídios internos, que são a memória e os mecanismos inferenciais.

Este apoio interno a que o autor se refere dar-se-á por meio de nosso conhecimento de mundo – conhecimento enciclopédico e bagagem cultural – e o conhecimento procedimental, de como utilizar o que já conhecemos. Segundo o autor, o tradutor deveria contar com o apoio da memória de longo prazo, já que é ela “(...) que permite ao indivíduo estabelecer uma forma estável de codificação de informações que possibilita a sua recuperação consciente por meio de redes associativas”, o que é essencial para ele. “Quanto maior o número de associações que conseguimos estabelecer, maior será a nossa capacidade de recuperação de memória. Para a tradução, isto implica um maior número de alternativas de caráter semântico a serem disponibilizadas no decorrer do processo tradutório” (cf. Alves; Magalhães; Pagano, 2000, p. 64).

A operação mental que utilizamos para compreender informações de forma indireta durante o processo tradutório é denominada inferência. Porém o autor alerta para o fato de que, quanto mais distantes as informações a serem processadas estiverem do nosso contexto, mais difícil será a sua recuperação, podendo haver ocorrência de erros tradutórios, os quais podem ser atribuídos à dificuldade de estabelecer relações coerentes entre o texto a ser traduzido e nosso conhecimento de mundo.

Dando prosseguimento à apresentação das abordagens dos autores mencionados anteriormente, temos a estratégia de análise macrotextual, proposta por Magalhães (cf. Alves; Magalhães; Pagano, 2000). Os aspectos macrotextuais analisados são o gênero e os padrões retóricos, e a sua relação com traços gramaticais e escolhas lexicais específicas. Segundo a autora, “o conhecimento das estruturas genéricas e dos padrões retóricos usados para atingir o objetivo comunicativo do texto facilita a sua tradução, levando-o a fazer as escolhas mais adequadas dos componentes gramaticais e lexicais para o texto traduzido” (cf. Alves; Magalhães; Pagano, 2000, p. 85).

Cada tipologia textual apresenta um padrão retórico convencional que permite classificar os textos com relação às intenções comunicativas. No procedimento de análise macrotextual, o leitor/tradutor utiliza o seu conhecimento de mundo que o ajuda a fazer hipótese sobre o texto: “A distinção dos gêneros e o reconhecimento de suas funções e objetivos, dos padrões retóricos utilizados nesses gêneros, devem constituir-se numa estratégia de análise macrotextual da qual o tradutor faz uso no primeiro contato com o texto a ser traduzido” (cf. Alves; Magalhães; Pagano, 2000, p. 72).

Finalmente apresentamos as estratégias de análise microtextual propostas por Magalhães (cf. Alves; Magalhães; Pagano, 2000). A análise passa a ter uma dimensão textual menor, em que são examinados itens lexicais, partindo-se da palavra até as colocações e expressões idiomáticas metafóricas, além de itens gramaticais, a partir do uso de tempos verbais até a ordem das palavras na frase.

A equivalência é tratada pela autora como sendo relativa e influenciada por diversos fatores lingüísticos e culturais. Ela toma como referência o modelo de Baker (1992), segundo o qual as palavras ou enunciados detêm diferentes tipos de significado, quais sejam: *proposicional* – resultado da relação entre a palavra/enunciado e aquilo a que se refere; *expressivo* – tem a ver com os sentimentos ou atitude do falante com relação àquilo a que a palavra/enunciado se refere; *pressuposto* – resulta de restrições estabelecidas pela co-ocorrência de palavras, pelo seu significado proposicional ou pelos grupos convencionais semanticamente arbitrários (Exemplo: pão com manteiga e não manteiga com pão); *evocado* – é resultado de variações dialetais ou de registro.

O conhecimento apurado do léxico do par lingüístico com o qual o tradutor está trabalhando é essencial para Magalhães. Não podemos esquecer que os itens lexicais, além dos diferentes significados citados anteriormente, podem ter um referencial culturalmente específico, o que representa um desafio maior para encontrar um equivalente cultural na língua-alvo.

Da mesma forma é importante o conhecimento profundo da gramática do par lingüístico afeto, para que o tradutor tenha possibilidades de fazer escolhas apropriadas dos recursos gramaticais que a língua-alvo lhe proporciona para a reescritura do texto.

Em uma perspectiva pragmática, Baker (1999) sugere que o tradutor seja autônomo a ponto de poder decidir se inclui ou omite uma determinada informação no texto-alvo: “As well as expanding a text to provide the necessary background information, a translator may decide to delete information that the target readership can be assumed to be familiar with” (Baker, 1999, p. 248).

Durante o processo tradutório houve a necessidade de omitirmos algumas informações, como pode ser constatado no contexto a seguir. Na tradução do texto sobre os cursos de extensão, mais precisamente sobre o Curso de Administração de Palotina, tínhamos a seguinte informação: “A princípio, esta será a única turma do curso de Palotina, embora possa ser feito novo acordo entre a Unioeste ...”.

Omitimos a informação citada por considerarmos muito específica para o nosso contexto cultural e irrelevante ao leitor-alvo.

Utilizamos as estratégias sugeridas pelos autores, entre as quais podemos citar consultas a dicionários bilíngües e monolíngües conceituados, bem como a consulta a dicionários de áreas específicas e a profissionais das áreas afetas. Como a tradução das disciplinas dos diferentes cursos da Unioeste implicava trabalho com muitas áreas especiais (específicas), as quais não dominamos lingüisticamente por possuírem um jargão próprio, foi necessária a consulta a profissionais dessas áreas.

Podemos citar, como exemplo, a palavra “Órtese” – do Curso de Fisioterapia – que não é encontrada em dicionário da área. Então, com o auxílio da definição de profissionais da área, optamos pela solução da tradução descritiva, como se pode observar no exemplo: *ÓRTESE = a kind of external prothesis*; ou então o exemplo da palavra “*Agrosilvopastoris*” – do Curso de Zootecnia – que é um termo culturalmente específico ao contexto brasileiro. A solução encontrada foi separá-la em unidades de sentido e então traduzi-la, para ao menos refletir um referencial semântico do termo: ex: AGROSILVOPASTORIS = (Agro) Agriculture + (silvo) reforestation or farming + (pastoris) forages.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a maioria das questões levantadas pelos diferentes autores pesquisados nos foi muito valiosa, se em alguns casos não no sentido de novos referenciais, então no sentido de reforçar ainda mais a nossa postura com relação à tradução e ao tradutor. A tradução, em nossa postura é uma tarefa que demanda competência lingüística e cultural, interação com outras áreas, e postura ética do tradutor para com o leitor-alvo. O tradutor é, por nós entendido, como um produtor de significados e, portanto, com habilidades lingüísticas, culturais e conhecimento das áreas com as quais trabalha.

Constatamos que os estudos tradutológicos estão expandindo cada vez mais seus paradigmas, pois pudemos perceber, por exemplo, a preocupação com as questões de poder que permeiam a tradução e a perspectiva contemporânea de trabalharmos a tradução como quinta habilidade, no processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

Da mesma forma, constatamos a importância do referencial teórico obtido neste trabalho sobre as diferentes correntes dos estudos tradutológicos; as tipologias textuais e seus respectivos padrões retóricos; as diferentes funções da linguagem; a noção de equivalência como relativa e ligada a fatores como convenção lingüística e questões culturais; a percepção de tradução como uma área interdisciplinar; as possibilidades de uso de diferentes estratégias de tradução; o conceito de unidade de tradução; a visão do tradutor como conhecedor, criador e inovador da linguagem que viabiliza a comunicação entre culturas; o reconhecimento dos diferentes níveis em que uma análise tradutória pode ocorrer; o reconhecimento das questões culturais e referenciais que determinam a leitura/tradução final de um texto; a importância da percepção das diferentes conotações do texto (neutra, positiva ou negativa); a proposta de distanciamento do texto-fonte como estratégia de obtenção da naturalidade do texto-alvo; a importância da percepção dos aspectos pragmáticos quando da tradução de um texto, dentre outros.

Todo esse aporte teórico serviu como base para a análise e transposição do *corpus* mencionado. O primeiro desafio que se nos apresentou foi a escolha de uma linguagem concisa e adequada ao meio eletrônico e à função comunicativa do texto-alvo. Nesse contexto, o texto traduzido deve ser objetivo e deve contemplar as informações necessárias, considerando-se o interesse e a cultura do público-alvo.

O processo de transposição da Língua 1 para a Língua 2 é um exercício desgastante, pois primeiramente processamos mentalmente o texto em L1, com todas as suas implicações morfológicas, sintáticas e semânticas, e imediatamente passamos a processar esses elementos da L1 para os elementos da L2 com as implicações citadas anteriormente. Esse dialogismo contínuo, entre o par lingüístico em análise, às vezes provoca uma certa falta de naturalidade do texto – provocada ocasionalmente pelo cansaço mental – que, como defendida por Newmark, se resolve com um certo distanciamento do texto-fonte.

Finalmente podemos afirmar que o exercício tradutório, quando respaldado teoricamente sobre questões relevantes sobre o processo tradutório – como as tratadas neste contexto –, resulta em um trabalho mais consciente e criterioso e, portanto, provoca uma maior confiança ao tradutor com relação ao resultado final: a tradução.

4. REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. *Traduzir com Autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.
- AZENHA JÚNIOR, João. *Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Editora da USP, 1999.
- AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- BAKER, Mona. *In other words: a coursebook on translation*. London and New York: Routledge, 1992.
- BASSNETT, Susan. *Translation studies: revised edition*. London and New York: Routledge, 1991.
- CORDEIRO, Juci Mara. *Tradução de diferentes tipologias textuais analisadas pela ótica da abordagem integrada de tradução*. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Unesp - Araraquara.
- JIANG, Wenying. "The relationship between culture and language". *ELT Journal*. October, 2000 - Oxford, vol. 54/4, p. 328-332.
- NEWMARK, Peter. *A textbook of translation*. London: Phoenix ELT, 1995.
- RIDD, Mark David. *Out of exile: a new role for translation in the teaching/learning of foreign languages*. Tópicos em Lingüística Aplicada I. Brasília: UNB, 2000.
- ROBINSON, Douglas. *Construindo o tradutor*. Trad. Jussara Simões. Bauru: Edusc, 2002.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- VENUTTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: Edusc, 2002.

Unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

— www.unioeste.br —

REVISTA VARIA SCIENTIA

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber

**VARIA
SCIENTIA**